

Ditaduras militares latino-americanas na literatura (com o rádio)

Doris Fagundes Haussen¹

Resumo: O artigo propõe-se a verificar como a literatura de ficção utiliza o rádio para abordar a questão política das revoltas sociais e regimes ditatoriais na América Latina no século XX. Parte-se da hipótese de que como o veículo foi o mais importante meio de comunicação no período (junto com a televisão a partir dos anos 70), as obras, de alguma forma, incluem o rádio em seus enredos, auxiliando a traçar um panorama da repressão política nessas sociedades. Para desenvolver o tema foram selecionados quatro romances: *Mês de cães danados*, de Moacyr Scliar, *O homem do Estado Maior*, de Carlos Alberto Abel, *De amor e de sombras*, de Isabel Allende, *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, e o conto *La vida en la ciudad*, de Ramiro Gilberto Santacruz.

Palavras-chave: rádio; literatura; regimes ditatoriais; América Latina.

Abstract: The paper aims to verify how fictional literature uses the radio to address the policy issue of social revolts and dictatorships in Latin America in the twentieth century. Breaks the assumption that as the vehicle was the most important medium of communication in the period (along with television from the 70s), the works, somehow, include the radio in his plots, helping to draw a picture of political repression in these societies. To develop the theme we selected four novels: *Mês de cães danados*, Moacyr Scliar, *O homem do Estado Maior*, Carlos Alberto Abel, *De amor e de sombras*, Isabel Allende, *O beijo da mulher aranha*, Manuel Puig, and the tale *La vida en la ciudad*, Ramiro Gilberto Santacruz.

Keywords: radio; literature; dictatorial regimes; Latin America.

As ditaduras militares e as revoltas políticas e sociais do século XX na América Latina têm sido abordadas na imprensa dos diversos países do continente assim como em obras acadêmicas e ficcionais. Por outro lado, ao se referir à presença do rádio na literatura popular, Fadul (1984: 166) lembra que esta tem sido constante, “pois ele (o veículo) incidiu de forma profunda na vida quotidiana e, conseqüentemente, em suas manifestações literárias”. Assim, coloca-se a questão: qual foi a percepção dos autores de ficção a respeito desse período político e o papel desempenhado pelo rádio no enredo das suas obras? Para responder é preciso,

¹Prof^a Dr^a da FAMECOS e do PPG em Comunicação Social da PUCRS. Pesquisadora do CNPq. dorisyfah@pucrs.br Participaram da pesquisa os bolsistas de Iniciação Científica CNPq/PUCRS, João Pedro Krause e Guilherme Pacheco Mercado.

inicialmente, abordar-se o tema dos imaginários e dos possíveis receptores dessas obras.

Neste texto, a questão do imaginário² é vista através de uma dupla abordagem, ou seja, aquela referente ao contexto político e social trazido culturalmente pelos escritores, paralelamente àquele imaginário sobre o rádio inserido nas tramas. Em relação ao tema, levamos em consideração a reflexão proposta por Martin Barbero (s/d.: 207) segundo a qual “o político é uma dimensão da vida que atravessa os diferentes tempos, os diferentes lugares, as diferentes situações, toda a riqueza das práticas humanas”. E ainda quando diz que “dentro das dimensões do real-social está o simbólico e o imaginário, está o que somos e o que desejamos ser, o que tememos ser e o que nos gostaria de ser. É aí que a ficção aparece com muito mais possibilidade de dar conta desta complexidade”. Neste sentido, Machado da Silva (2003: 51) considera, por sua vez, que no imaginário, não há verdadeiro nem falso, uma vez que, “como num romance, todos os enredos são possíveis e legítimos”. Para o autor, “todo imaginário é uma imaginação do real”. Complementando, ainda, conforme Canclíni (apud Lindon, 2007:1), “os imaginários correspondem a elaborações simbólicas do que observamos ou do que nos atemoriza ou desejaríamos que existisse (...) o imaginário vem a complementar, a dar um suplemento, a ocupar as fraturas ou os ocos do que efetivamente podemos conhecer”³.

É preciso lembrar, ainda, que no texto do ficcionista encontra-se também o receptor (ou a ideia que o autor faz deste receptor), como salienta Zilberman (1984: 6): “no gesto que move o ficcionista, o cineasta, o desenhista de quadrinhos ou o roteirista de televisão, define-se de um lado o milenar gesto de narrar, testemunhar; do outro, sua esperança de contentar a inesgotável sede de fantasia e imaginação de seu leitor/espectador”. Nos conteúdos das obras de ficção, portanto, encontra-se, também a percepção relativa ao possível consumidor daquela produção. No caso específico das revoluções e ditaduras latino-americanas, o imaginário do escritor inclui tanto os fatos reais e a sua percepção dos mesmos como a própria influência que o público exerce neste olhar do ficcionista.

² Sobre a questão do imaginário a autora tem trabalhado em outros textos, pois os artigos produzidos fazem parte de pesquisa mais ampla.

³ Tradução do espanhol pela autora.

As obras

A narrativa de Moacyr Scliar⁴ em *Mês de cães danados* trata dos últimos dias de agosto de 1961, logo após a renúncia de Jânio Quadros, quando João Goulart assumia a Presidência do país, em clima de incerteza e ameaças. Paralelamente aos acontecimentos políticos, o autor enfoca os problemas socioeconômicos do Brasil a partir do narrador, um mendigo que relata os fatos em primeira pessoa. Com nome fictício de Mário, o protagonista encontra-se nessa condição por opção, pois seu irmão é dono de fábrica em São Paulo e eles eram filhos de fazendeiros. Mora nas ruas de Porto Alegre e demonstra ter cultura e espírito crítico.

O rádio aparece em momentos pontuais da obra, ao lado de manchetes de notícias provenientes de jornais impressos. Os personagens ouvem o aparelho “a todo o volume” e a irmã do narrador tem o hábito de ligar o rádio enquanto o personagem principal prefere ler o jornal. Na programação, escutada do aparelho do vizinho, ouve-se música marcial e proclamações militares. O Ministro da Guerra ordena ao Comandante do Exército que, se necessário, tire do ar a Rádio Gaúcha e bombardeie o Palácio do Governo. O narrador revela, ainda, que se aproximou de um grupo que ouvia rádio em um automóvel, atentos ao discurso do governador. O rádio está envolvido, portanto, nas tensões políticas do período retratado.

O homem do Estado Maior, de Carlos Alberto Abel⁵ conta a história de um capitão de orientação política de esquerda durante o início da ditadura militar no Brasil. Carioca, o capitão Ramos fora transferido, junto com a esposa e os dois filhos, para Balegre, no Rio Grande do Sul, fronteira meridional. Na Revolução de 1964, Balegre teria sido a cidade que mais rapidamente e em maior número aderira ao movimento, o que acaba por trazer dificuldades para Ramos, antigo membro do Partido Comunista Brasileiro. O capitão fora expulso do PCB por ser considerado um “agente duplo”, que trabalharia para ambos os lados. No quartel, era considerado

⁴ Nascido em Porto Alegre, Moacyr Jaime Scliar foi médico e escritor, com mais de 70 obras publicadas. Recebeu prêmios literários, como o Jabuti por três vezes. Muitos de seus livros tratam da imigração judaica no Brasil. Faleceu em 2011.

⁵ Carlos Alberto Abel é escritor e professor, doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui diversas obras publicadas.

comunista e anti-revolucionário. Por isso, como diz sua esposa, Marina, acaba sem amigos nem à esquerda nem à direita. Ao fim da narrativa, Ramos é transferido para o Conselho da Justiça Militar. No primeiro julgamento, Ramos vota contrariamente a seus companheiros, o que desagrada o presidente, que pede que o oficial seja afastado. Ramos acaba sendo transferido para Pontão, onde encontra no quartel a mesma hostilidade com que era tratado em Balegre.

O rádio tem um papel importante no enredo, uma vez que é por meio dele que Ramos escuta, no início da narrativa, as notícias da vitória da revolução. Na madrugada de 1º de abril de 1964 fora mandado para casa, por seu superior, em razão de uma gripe. Com insônia, decide ligar o rádio: “Ler? Nem pensar. Com aquela temperatura? E o rádio? Uma boa pedida. Enrolado no cobertor, dormiria, ouvindo uma estação da Argentina ou do Uruguai. Em Balegre, não se conseguia ouvir as estações de rádio do Rio ou de São Paulo. Às vezes, pegava Porto Alegre”. Ramos refere-se, a seguir, sobre as rádios que gostava de ouvir, dedicadas a narrações de futebol e notícias. Cita a Rádio Globo e a Rádio Balegre. Na sequência, roda o seletor até conseguir um sinal e chega à Rádio Splendid, de Buenos Aires, onde escuta as notícias sobre o golpe do exército brasileiro. Ao longo do romance, o rádio aparece em mais de uma ocasião como forma de se informar sobre as notícias do resto do Brasil, que custavam a chegar à afastada Balegre.

O livro de Isabel Allende⁶, *De amor e de sombras*, aborda a época da ditadura militar chilena, em que Irene, proveniente de uma família abastada, e Francisco, filho de pais anarquistas que combatem a ditadura militar, vivem um romance. Irene é jornalista de uma revista e conhece Francisco quando ele visita sua editora à procura de emprego como fotógrafo. Irene é noiva de um militar, mas, ao se apaixonar por Francisco, desmancha o noivado.

A história desenvolve-se a partir do mistério de Evangelina Ranquileo, menina considerada milagreira, pois se supunha que curava os doentes enquanto dormia profundamente devido a fortes medicamentos. Por chamar muita atenção, ela foi silenciada pelos militares. Seu desaparecimento foi investigado por Irene e Francisco

⁶ Isabel Allende nasceu em Lima no Peru. De suas obras constam "A Casa dos Espíritos" (de 1982), "De amor e de sombra" (1984), "Histórias de Eva Luna" (contos, 1989), "Paula" (1991), "Plano infinito" (1993), "Afrodite" (1994), entre outras.

que, posteriormente, encontraram seu corpo em uma mina abandonada. Contudo, na mina onde está o cadáver da moça, descobrem que o local é também um cemitério onde são desovados todos os ditos “criminosos políticos” que desapareceram. Com base nas descobertas feitas, conseguem trazer à tona a história da mina “cemitério” e desmarcaram a verdadeira face da ditadura militar. Irene se torna vítima de perseguição política. A história finda com o julgamento dos militares sobre as mortes que realizaram e com a fuga de Irene e Francisco do país, ao cruzarem a fronteira com documentos falsos, e o início de uma nova vida.

O rádio aparece em várias passagens do livro, tanto como um hábito cotidiano para ouvir notícias como para o entretenimento com as radionovelas. Mas, principalmente o político é destacado: (funcionários do necrotério) - “Viram empregados comendo seu lanche sobre as mesas de autópsia, outros escutando programas esportivos do rádio indiferentes aos despojos tumefatos (...)”. E ainda: “Abriu com sua chave e estranhou que Rosa não a estivesse esperando como sempre fazia, nem atordoasse pelo rádio a novela das seis”. Ou também: “Sua mulher e seus filhos se inteiraram às vinte e quatro horas, quando a imprensa, o rádio e a televisão difundiram um comunicado militar (...)”. E por fim: “Os outros o imitaram e em poucos minutos fizeram um buraco enquanto, à distancia, os Corpos de Segurança se comunicavam por rádio para informar que os suspeitos estavam violando a mina fechada, apesar dos avisos de advertência, esperamos instruções meu General, câmbio e desligo”.

O Beijo da Mulher Aranha, do argentino Manuel Puig⁷, conta a história do prisioneiro político de esquerda Valentín Arregui, e do preso por corrupção de menores, Luís Molina. O enredo se passa na época da ditadura militar argentina (1976 a 1983, governo Videla). Os dois presos, Arregui e Molina, dividem a mesma cela e, para passar o tempo, Molina conta filmes para Arregui, porém, as “sinopses” também servem de pretexto para ambos falarem sobre suas vidas. Por detrás da

⁷ Juan Manuel Puig Delledonne nasceu em General Villegas, Província de Buenos Aires. Seu primeiro romance foi “La traición de Rita Hayworth”, vencedor do Concurso Biblioteca Breve, da editora Seix Barral e considerado Melhor Romance de 1968-1969 pelo jornal francês Le Monde. Em 1981 publicou “The Buenos Aires Affair”, que foi censurado pelo governo argentino. Passou a ser ameaçado no país e mudou-se para o México, onde concluiu, em 1976, “El beso de la mujer araña”.

conversação entre os dois personagens, se encontra a polícia, que pressiona Molina a tirar informações de Arregui, e com isso, entrará em liberdade mais cedo. Para facilitar a troca de informações, os oficiais envenenam a comida de Arregui, o que o debilita e o torna mais instável. Molina tem conhecimento do envenenamento, e por questões de amizade, cuida de Arregui. Contudo, os personagens acabam se aproximando em suas relações e transformam a amizade em paixão. Como Valentin não conta nada a Molina, os oficiais mudam de estratégia e colocam Molina em liberdade para ver se este entra em contato com outros membros do grupo político de Valentin. Com a liberdade de Molina, Valentin pede para este entrar em contato com seus parceiros, e, para isso, ensina os códigos utilizados pelos grupos políticos. Em liberdade Molina em dado momento se encontra com um membro do grupo de Valentin. A polícia vigia Molina e acaba descobrindo todos. Com o medo de deterem Molina e este acabar delatando tudo o que viu e ouviu, os militantes decidem executá-lo.

O rádio aparece em algumas citações no decorrer do romance. Embora não se refira especificamente à questão política, a mesma é que impulsiona o enredo. Os pequenos “contos” que são os filmes, aparecem com certa associação ao contexto sócio-político e ao estado psicológico dos personagens como na passagem “- Só mais um pouquinho, o negócio é criar o suspense, assim você gosta mais do filme. É preciso fazer assim com o público, senão ele não fica satisfeito. Antigamente faziam sempre assim no rádio. E agora nas telenovelas”. E também: “E que triste, mais que nunca é triste esta tarde de outono, a terrível notícia pelo rádio, a entrada do país em outra guerra, a segunda e inútil guerra mundial”. Ou ainda: “(...) Ela aproveita, então, para dizer-lhe que ele não tem o direito de fazer cara feia, que ela consente em tudo o que ele quer, que renunciou a voltar ao teatro, a cantar no rádio, mas já é o cúmulo que ele ache ruim que ela saia para fazer compras (...)”.

Em *La vida en la ciudad*, Gilberto Ramirez Santacruz⁸ relata a história de um personagem que se muda do Paraguai para a Argentina em busca de uma vida

⁸ Gilberto Ramírez Santacruz é poeta, narrador, e jornalista. Nasceu em Abaí, Departamento de Caazapa, Paraguai. No começo da década de 80, Santacruz fundou o jornal “Todo Paraguay - A voz do Paraguai sobre o exílio na Argentina”. Tem como principais obras: “Primeras Letras” (Poesia, 1981), “Razones de la Sangre” (Crônicas poéticas sobre o “Marzo Paraguayo”, 1999), “Fuegos y Artificios” (Poesia, 1988), “Esa Hierba que Nunca Muere”

melhor. O enredo é construído a partir de uma carta que este personagem escreve para seu amigo Remberto, que vive em Tatakúá, um pequeno povoado fictício do Paraguai, no período da ditadura militar em ambos os países. São feitas comparações da cidade grande da Argentina com o pequeno povoado, onde o narrador comenta sobre as dúvidas que os amigos tiveram sobre como é a vida na cidade grande, as diferenças sociais, e as semelhanças (sobretudo ao governo ditatorial).

O rádio aparece em algumas citações no conto, como: “Quiero que vayas contando a las chicas que estoy trabajando bien (aunque a vos te confieso que apenas me alcanza para comer), que ya me compré mi reloj, una radio portátil y que estoy juntando plata para cuando vuelva, y pueda comprar una moto”. E também “Las radios transmitiendo música sacra y marchas militares, la televisión comunicando los decretos de la nueva Junta Militar y la gente corriendo a los almacenes a comprar las mercancías que un día antes escaseaban. (...) Para que tengas una idea, Remberto, pasó igual que el Paraguay pero mucho más desordenado. (...) sabemos, Remberto, que en nuestro país ocurre lo mismo, pero algo más sistematizado y sin despertar muchas sospechas”.

O rádio nos contextos

Ao analisarmos a presença do rádio na trama das obras percebe-se que a realidade vivida no continente latino-americano dos anos 60/70 do século XX inseriu-se no imaginário dos escritores, levando à reflexão de Antônio Cândido (1985: 139) sobre a literatura, quando este considera que

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A *literatura*, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

(Novela, 1989), “Relatorios” (Contos, 1995), “El Maleficio y Otras Maldades del Mundo (Contos, 2008), entre outras.

O contexto militar daqueles anos levou, assim, os escritores a elaborar seus enredos baseados num real complexo e nele o rádio tem papéis diferenciados para abordar essa realidade. No romance *Mês de Cães Danados*, de Moacyr Scliar, o rádio aparece como um meio de informação sobre notícias políticas, revelando, ao mesmo tempo, as tensões vividas pelo país. Da mesma forma, em *O homem do Estado Maior*, de Carlos Alberto Abel, o rádio serve para informar ao personagem sobre o golpe militar no Brasil, através de uma emissora argentina, além de ser um hábito cotidiano.

Já o romance *De amor e de sombras*, de Isabel Allende, traz uma forte presença do rádio no enredo, seja como um hábito (ouvir novelas e notícias), seja para divulgar informações oficiais sobre a política ou como um uso instrumental do aparelho entre militares. *O beijo da Mulher Aranha*, de Manuel Puig, por sua vez, tem como pano de fundo a ditadura militar argentina, mas o rádio aparece como uma forma de entretenimento e de consolo para os personagens na prisão, sendo que um deles é preso político. Por fim, em *La vida en la ciudad*, Gilberto Santacruz também aborda o período das ditaduras tanto na Argentina quanto no Paraguai e o rádio aparece divulgando informes oficiais.

No geral, o que se observa é o veículo presente nas tramas relatando o uso para fins político-militares, mas, também, e fortemente, como um hábito arraigado nas diversas sociedades do continente. As obras utilizam o veículo como parte de contextos da história dos países, e, de alguma forma, trazem imaginários recorrentes. E enfatizam, ainda, conforme Haussen (2013a) o papel preponderante do rádio de formador de opinião, de divulgador de informações relevantes para as comunidades, de entretenimento e, também, de companheiro.

Considerações finais

A literatura de ficção utiliza o rádio nas obras analisadas, portanto, não apenas como uma construção criativa dos autores, mas inclui a própria realidade política (e outras realidades) vivida pelos países do continente ao longo do século XX. Por outro lado, conforme Haussen (2013: 643), há um registro em dois níveis nessas obras: um

que é particular à realidade de cada país (como tipos de governos e repressão política) e outro mais amplo, que trata dos sentimentos humanos universais, como a necessidade de companhia, a busca de companheirismo, as emoções e memórias compartilhadas.

No caso dos regimes ditatoriais na América Latina, os escritores de ficção têm apresentado o rádio tanto inserido nas tramas políticas quanto no contexto mais amplo da vida cotidiana dos personagens, referendando a reflexão proposta por Martin Barbero (s/d.: 207) para quem o político atravessa diferentes tempos, lugares e situações da vida cotidiana. E que nessa realidade também estão o simbólico e o imaginário, e que a ficção pode dar conta desta complexidade.

A literatura de ficção com o rádio em suas tramas deixou, assim, um legado importante, tanto sobre a memória das revoltas sociais e ditaduras militares dos países latino-americanos quanto sobre o papel do veículo naqueles anos. Através da sensibilidade criativa desses autores é possível vislumbrar-se, sob outro enfoque, o enredo político-militar do continente no século XX.

Referências

- ABEL, C. A. **O homem do estado maior**. Rio de Janeiro, Codpoe, 1990.
- ALLENDE, I. **De Amor e De Sombra**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- CNACLINI, N.G. Entrevista a LINDON, A. Diálogo com Néstor Garcia Canclini. ?Qué son los imaginários y cómo actúan en la ciudad? Santiago de Chile, **Revista Eure**, vol. XXXIII, Nº 99, agosto de 2007.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
- FADUL, A. Literatura, rádio e sociedade: algumas anotações sobre a cultura na América Latina. In AVERBUCK, L. (org.). **Literatura em tempo de comunicação de massa**. São Paulo, Nobel, 1984
- HAUSSEN, D.F. O rádio na ficção latino-americana: imaginários do século XX. In **Revista Famecos**, vol. 20, n.3 (2013), p. 634-647.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos>
- _____. **Rádio e política na ficção brasileira e argentina**. Texto apresentado no IV Colóquio Argentina-Brasil de Ciencias de la Comunicación. Universidad de Rio Cuarto, 2013.
- MARTIN BARBERO, J. **Procesos de comunicacion y matrices de cultura. Itinerario para salir de la razón dualista**. Mexico, Ed. G.Gilli, s.d.

PUIG, Manuel. **O Beijo da Mulher Aranha**. Rio de Janeiro, Codecri - O Pasquim, 1981 (8ª edição).

SANTACRUZ, G. R. **Relatorios – Cuentos: La vida en la ciudad**. Asunción, Paraguay. Asunción Intercontinental Editora, 2003 (versão digital).

SCLIAR, M. **Mês de cães danados**. Porto Alegre L&PM, 1977 - 1ª ed.

ZILBERMAN. R. A literatura e o apelo das massas. In AVERBUCK, L. (org.). **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo, Nobel, 1984.